

# Carnaval  
3.3.49

Mdo Il do 46

M 409

M 456

DN 7.12.66

RN 131

Ele x Ela 125

## A OUTRA VOZ

RUBEM BRAGA

FOI com certeza a bela interpretação da senhora Morineau dessa já antiga "La Voix Humaine", de Jean Cocteau, que me deu a idéia. Aquela mulher amarga passa todo o tempo da peça falando ao telefone: chora, ri, soluça, discute, mente. Do outro lado do fio está um homem, que o espectador não vê nem ouve. É um homem vulgar, que está abandonando a amante para se casar.

Minha idéia é escrever "A outra voz". Não para juntar as duas em um diálogo que, afinal, banalizaria demais a pequena peça. O homem aparecerá também sozinho, despedindo-se, pelo telefone, da amante em liquidação. Ele certamente lhe dirá gentilezas vulgares e inúteis palavras de consólo. Estará talvez em algum balcão de bar, com alguém esperando na mesa...

Relendo agora a peça de Cocteau, para estudar o que pretendo fazer, me impressionei mais uma vez com a força dramática dessa historleta banal. O autor não quis — ele mesmo o escreveu — procurar a solução de nenhum problema psicológico. Não há também golpes de surpresa, que seriam facilísimos de dar, mantendo o espectador em suspenso, ou levando-o a fazer, até certa altura, ou mesmo até o fim, uma idéia errada da situação. Nada. O caso é de uma mulher apaixonada que o amante abandona — e que reage da maneira mais vulgar, ora com despeito, ora criando certa força, ora se humilhando toda e confessando sua agonia. Essa humilhação e essa agonia é que dão o tom monótono da pequena peça, que parece durar anos, na intensidade de sua aflicção. Cocteau confessou que sua peça foi inspirada na lembrança de uma conversa

telefônica surpreendida por acaso, com "a singularidade grave dos timbres, a eternidade dos silêncios".

Minha experiência talvez não dê resultado nenhum, e acabe em um ato cacete e sem interesse. Achei, entretanto, que seria interessante, em face do desespero mal dissimulado da mulher, estudar o outro, o desespero seco e frio do homem. Sua impaciência em atirar fora de sua vida aquele bagaço, seu remorso, seu medo de ferir, de fazer mal, de matar com as palavras ou com o silêncio. Creio que em situações semelhantes as mulheres são muito mais cruéis que os homens.

Minha preguiça de escrever é tamanha — ou talvez não seja preguiça, mas apenas cansaço de quem todo dia precisa fazer sua página e meia de lero-lero — que conto este meu projeto nesta crônica para eu mesmo me sentir com o compromisso de realizá-lo. A coisa, aparentemente fácil, é difícil, pois esse homem banal que na peça de Cocteau só aparece pelos seus silêncios deve ter aqui uma figura, expressões, gestos, caretas, palavras. E terá de ter tudo isso sem marcar um tipo, sem ser um sentimental nem um cinico, nem piegas nem cruel. Sua força, como a da mulher, há de residir na própria banalidade.

Pois na verdade o homem não precisa ser bom nem mau. É o amor que é divino e cruel; a delicadeza mais leve e a brutalidade mais estúpida nascem do próprio amor com uma espantosa inevitabilidade. Os grandes orgulhosos o mais que podem fazer é calar no momento de ser abandonado ou de abandonar. Mas o silêncio é de um ouro falso; o silêncio em si mesmo é falso; nem mesmo o silêncio definitivo e sem remédio, o suicídio, tem mais força do que a expressão de um gesto de momento. "A outra voz" terá de refletir o sub-inferno da inquietação e do remorso que vai envenenar um novo romance. Perder o amor da pessoa amada e perder o amor pela pessoa amada, tudo são perdas na vida, que se amesquinha e lá se vai se gastando.

4.3.49

Falta: Carnaval - 3.3.49